



O fim de uma época

Por: Henrique Burnay | Especialista em assuntos europeus e Senior Partner da consultora Eupportunity, mestre em Teoria e Ciência Política pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa onde é professor convidado

Trump regressa à Casa Branca mais protecionista, menos interessado no Ocidente e mais ideologicamente convicto. A Europa vê a aliança Transatlântica transformar-se em competição e tenta fazer amigos com quem a América fará guerras comerciais.

Os líderes políticos europeus tinham esperança que Donald Trump tivesse sido uma interrupção e Joe Biden um regresso à normalidade. Foi o contrário. Biden foi uma interrupção, Trump é um novo normal. Na política interna americana, mas também no processo de afastamento em relação à Europa. Para quem valoriza a relação transatlântica, não há nenhuma boa notícia aqui. Nem sequer a que diz que o desinteresse americano obrigará a Europa a ser mais responsável pelo seu destino. Se for com uma relação conflituosa com os Estados Unidos da América, dificilmente resultará no reforço do Ocidente.

A nova distância

O afastamento dos Estados Unidos da América (EUA) em relação à Europa começou há mais tempo que Trump e tem duas grandes explicações. Uma é geoeconómica. Uma China com uma economia mais poderosa, com crescente necessidade de matérias primas e recursos que não possui e com maior consumo interno mas, ao mesmo tempo, com necessidade de manter e aumentar a sua presença nos mercados externos, é um forte competidor da potência global americana, até agora, e desde há quase quarenta anos, praticamente única e não desafiada.

A outra explicação para o afastamento americano é mais cultural. Começando no fim da Guerra Fria, Reagan, George Bush, Bill Clinton e George W. Bush, conheciam a Europa, experimentaram as alianças europeias e viam-se como líderes de um mundo Ocidental com raízes na História europeia. Obama, Trump ou Harris não passaram por nada disto. Não estudaram na Europa, não viveram a força das alianças europeias, não experimentaram os combates da Guerra Fria e só identificam um verdadeiro e único adversário: a China. Não admira, portanto, o afastamento. Que no caso de Trump é particularmente forte por ser, além do mais, confrontacional.

Trump não seria original se apenas quisesse a América Primeiro. Todos os presidentes pensaram assim. A

diferença é que Trump acredita que para a América ser “great again” mais do que “America First”, o presidente dos Estados Unidos tem de pensar em “America Only”.

O que não é coisa que caracterize o líder do mundo Ocidental. Mas esse não é um título que Donald Trump cultive.

A Ucrânia

Para a Europa, a invasão russa e a forma como termine é muito mais do que a justeza de defender um país ocupado à força e sem qualquer justificação legal ou fáctica. A Rússia não invadiu a Ucrânia por causa da NATO. Kiev não estava, nem de perto, à beira de aderir à Aliança Atlântica. Mas estava, desde 2004, a inclinar-se para a União Europeia, e isso era insuportável para Vladimir Putin. Da mesma maneira que uma Geórgia ou uma Moldávia europeístas e democráticas o são. Se a ideia pega, pode-se contagiar à Rússia, onde, por breves anos, se imaginou que poderia um dia haver uma democracia capitalista. É essa a grande ameaça à Rússia. A grande ameaça à Europa é a vitória, ou não derrota, de Moscovo.

Se Putin concluir que nada o impede de tentar de novo, ou de tentar mais, a Geórgia e a Moldávia são alvos óbvios. Mas a Lituânia, a Letónia ou a Estónia, de onde vem Kaja Kallas, a nova chefe da política externa europeia, também são possibilidades e as respectivas minorias russófonas podem ser o pretexto. Seja porque os Estados Unidos falharão na solidariedade prometida pelo artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, aquele que garante que um ataque a um é um ataque a todos, seja porque a Europa sozinha não será capaz, Putin concluirá que pode impor a sua ordem de segurança no Continente. Pelo menos em parte dele, como fizeram os líderes soviéticos nas décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial. Para a Europa, é tudo isto que está em causa. Para Trump, podem estar em causa diferentes coisas. António Costa, recém-empossado Presidente do Conselho Europeu, numa entrevista ao Financial Times aproveitou para dizer que espera que ...

... a América não saia da Ucrânia como saiu do Afeganistão. Em vergonha, entenda-se. A ideia, evidente, é tentar convencer o próximo presidente americano a mostrar que é mais forte que Biden. Pode ser um caminho. Os que o conhecem, dizem que Trump é sensível aos elogios. E Costa está a dar-lhe uma oportunidade de recebê-los. Mark Rutte, recém-empossado Secretário Geral da NATO tentou explicar-lhe que Xi Jinping pode olhar para o resultado da Ucrânia como um indicador do que pode ou não fazer em Taiwan. Talvez isso o preocupe.

Para a Europa, a defesa da Ucrânia e dos seus interesses no desfecho desta guerra pode bem definir e resumir os termos da relação futura com os Estados Unidos da América. Trump já disse que acabaria a guerra em um dia, já culpou Biden pela invasão e já elogiou a liderança e inteligência de Putin. Mas vale a pena ler o que o seu futuro conselheiro nacional da segurança, Mike Waltz, escreveu na Economist uns dias antes das eleições americanas. Resumidamente, defendeu que os Estados Unidos deviam agravar as sanções para obrigar a Rússia a negociar e que se Putin não se sentasse à mesa, então se deveria reforçar a capacidade militar ucraniana. Ou seja, o escolhido de Trump para um lugar que já foi ocupado por Carlucci, Condolezza Rice ou Colin Powell, não defendeu a entrega da Ucrânia em troca de menos maçadas e despesa naquela frente. Mas defende que, seja ali seja no Médio Oriente, Trump não deve querer gastar tempo nem dinheiro com guerras que o desviem do foco na China. O dado que importa reter.

Transações que interessam

Na questão do afastamento da América e na viragem para o Pacífico, Trump não é original. Mas di-lo de forma muito mais agressiva e transaccional. Essa é a grande diferença. Trump não olha para os europeus como o líder dos aliados. Trump olha para a relação com a Europa como um comerciante faria, em termos de deve e haver.

A Europa tem uma balança comercial com a América que é muito desfavorável a Washington e não investe que chegue na sua segurança. O próximo presidente quer reverter essa situação. E tanto Ursula von der Leyen como Christine Lagarde já perceberam o que isso significa. A presidente da Comissão está a tratar de garantir que o Fundo Europeu de Defesa não deixa de fora compras à América. Pelo menos algumas. Não vá ocorrer aos europeus investirem em defesa, mas não comprando americano. Von der Leyen também

acompanha a sugestão da chefe do Banco Central Europeu de se comprar gás aos Estados Unidos, em vez de continuar a trazer da Rússia. É mais provável que seja assim, do que com retórica horrorizada, que se ganhe alguma coisa de Trump. A alternativa seria, a crescer ao tema da Ucrânia, o alimentar de uma guerra comercial. No primeiro mandato do próximo presidente as relações comerciais transatlânticas foram difíceis. Biden resolveu, mas apenas provisoriamente, alguns conflitos, mas não deixou de ser proteccionista, como os Estados Unidos têm crescentemente sido. O Inflation Reduction Act (IRA) foi exactamente isso. A América já não é a campeã da globalização nem do livre-comércio. Nem mesmo com os seus aliados. Isso ficou lá atrás, onde a competição com a China começou a ser mais dura. Trump promete apenas ser ainda mais proteccionista do que Biden já foi.

Cada vez mais eleitores e mais políticos nos Estados Unidos e na Europa acreditam, a globalização que beneficiou a China, é a grande responsável pela desindustrialização e pela perda de empregos num e noutro lugar. Que só se recuperam protegendo indústrias e reduzindo comércio com competidores que produzem e vendem a mais baixo custo, entendem eleitores e eleitos. Esta é a maior de todas as transformações. Passámos os últimos 30 anos, desde o fim da Guerra Fria e da queda do Muro de Berlim, num mundo em que o comércio internacional era a grande linha política e económica. Esse mundo acabou.

As últimas décadas viveram de energia barata, muitas exportações, especialmente alemãs, e importações a baixo custo que permitiram o acesso das classes médias a bens que não tinham. E juros tão baixos que o dinheiro não custava quase nada. O pós-pandemia e pós-invasão da Ucrânia determinou o fim do mundo do pós-Guerra Fria, feito de paz pelo comércio, globalização e crescimento económico global. Voltámos à competição, com três grandes diferenças. Interdependência entre rivais, protecção entre aliados e políticas que destroem as âncoras da economia europeia, da indústria automóvel à agricultura, desfazendo uma e onerando a outra. Será por boas razões, mas correm o risco de ser péssimas as consequências.

Nos inícios da década, ainda antes do COVID, a Europa convenceu-se de que deveria responder às alterações climáticas transitando, por regulação, a economia europeia para uma economia de baixo carbono. E fazê-lo mais cedo e mais depressa que os outros, para liderar as tecnologias da “economia verde”. Os carros eléctricos e os painéis solares chineses, mais baratos e melhores, ...

... as matérias primas críticas que a China e os EUA procuram, e o IRA mostraram que a estratégia era simplista e pouco sustentada. E que adversários e aliados eram concorrentes ferozes. Curiosamente, a vitória de Donald Trump, que promete desinvestir na economia de resposta às alterações climáticas, pode renovar a lógica do Green Deal Europeu. Volta a ser possível chegar primeiro. Veremos por onde irá a Europa. O relatório de Mario Draghi, a nova Bíblia da economia europeia, que todos invocam tanto quanto criticam conforme convém ou não aos seus interesses, diz que o problema europeu é de competitividade. E, sobretudo, de falta de investimento nas indústrias tecnológicas, onde os americanos lideram destacados.

As lideranças europeias acreditam, além do mais, que precisam de ter mais amigos e aliados no mundo. Enquanto Trump ameaça tarifas, a palavra que acha mais bonita no dicionário, von der Leyen foi a correr assinar o acordo com o Mercosul.

O que pensa Donald Trump?

No dia seguinte à sua eleição os mercados reagiram positivamente. Porquê? Provavelmente, porque houve clareza. A imprevisibilidade, que se temeu que um resultado disputado gerasse, não aconteceu. E, lá está, os mercados apreciam a clareza e a não incerteza. Outra explicação será a situação económica em que Biden deixa a América. Muito melhor do que os eleitores americanos pensam. Sobre as políticas económicas de Trump, os mercados terão provavelmente tantas dúvidas quanto os analistas. Só se sabe que haverá mais tarifas, menos impostos e menos imigrantes.

Os apoiantes de Trump gostam de dizer que é um defensor do mercado, de menos estado, menos intervencionismo – o que a política comercial desmente - e inimigo das grandes empresas. Por isso é que o establishment, explicam, o detesta. Trump apresenta-se como um conservador pro-business mas muito anti corporate America. Duas contradições. Primeiro, porque os EUA são um país que sempre admirou o capitalismo, os vencedores e os ricos. Muito ao contrário da Europa. A outra contradição é Elon Musk, Peter Thiel, Timothy Mellon, Steve Schwarzman, Jeff Bezos, Mark Zuckerberg ou Tim Cook, alguns dos maiores apoiantes de Trump, menos ou mais discretos, não serem exactamente pequenos empresários. Mas há aí uma história que os trumpistas gostam de contar.

Não é a Corporate America que não gosta de Trump. É Trump que não gosta da Corporate America que considera rendida ao wokism. É a Disney com as

princesas negras, é Bill Gates com uma agenda desenvolvimentista, é a Google que em certas ocasiões põe bandeiras arco-íris na home page do motor de busca. São esses os inimigos ideológicos do trumpismo. E os seus apoiantes acreditam que há um conluio conspirativo entre essas grandes empresas que beneficiaram da globalização e a agenda woke. Segundo eles, para esconderem as fortunas que fazem à custa da deslocalização que prejudica os trabalhadores ocidentais, as grandes empresas alimentam uma agenda cultural de extrema-esquerda, que defende mulheres, negros, homossexuais e outras excepções à maioria dominante, para assim comprarem o silêncio cúmplice da intelectualidade.

Teorias conspirativas à parte, a verdade é que o novo normal é este: uma redefinição do partido que era da direita conservadora e liberal americana. O Partido Republicano é hoje mais estatista, intervencionista, adversário de algumas grandes empresas e detesta a globalização. E a sua vitória na América anima os que pensam assim do lado de cá do Atlântico.

No dia em que votou favoravelmente a moção de censura a Michel Barnier, proposta pela extrema esquerda, Marine Le Pen declarou que estava em curso “o fim de quarenta anos de políticas económicas desastrosas”. Estava a falar do que chamam o “neoliberalismo”. Sentado nas galerias da Assembleia Nacional Francesa, Jean-Luc Mélenchon certamente concordou. O consenso globalista acabou. Pelo menos por agora.

As opiniões expressas são pessoais e vinculam apenas o autor

O autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico

Para além da Direção de Estratégia, contribuiu para a elaboração deste documento, para a revisão do mesmo, a Direção de Supervisão e Compliance.

Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A.

Sede Social: Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa

Capital Social € 9.300.000 - NIPC 502 454 563

www.caixagestaodeativos.pt

Esta informação é realizada com um objetivo informativo. Não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato ou investimento que possa ser realizado. Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A. (empresa do Grupo Caixa Geral de Depósitos) e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A., por perdas ou danos causados pelo seu uso.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

A presente informação não dispensa, de modo algum, a consulta das Informações Fundamentais destinadas aos Investidores (IFI) ou dos Documentos de Informação Fundamental (DIF) e dos Prospetos, disponíveis em www.cmvm.pt e www.caixagestaodeativos.pt

Salvo autorização expressa da Caixa Gestão de Ativos, não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Gestão de Ativos, não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.



Caixa. Para todos e para cada um.



Caixa Gestão de Ativos